



INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA NA ESCOLA

BRITO, Clovis da Silva – CMC
crovao_8@hotmail.com

SANTOS, Lucélia Gonçalves dos – UTP
lucelia.ppped@yahoo.com

Eixo temático: Violências na escola

Resumo

O objetivo desse artigo é apresentar, através de um estudo teórico, como os professores compreendem a indisciplina escolar e também averiguar se alguns incidentes citados são de indisciplina escolar ou atos de violência. Para desenvolver tal assunto, recorreremos a alguns estudos que investigaram o que é indisciplina escolar. Tais pesquisas demonstram uma confusão de conceitos, por parte dos pesquisados, que podem interferir diretamente na forma de atuação dos professores com relação aos problemas da indisciplina e de violência encontrados nas escolas. Falar da indisciplina e da violência no ambiente educacional é falar sobre assuntos presentes cotidianamente nos colégios. Mas afinal, o que é indisciplina escolar e o que é violência? Pensamos que o conceito de indisciplina escolar seja mais complexo que aquele compreendido no senso comum – apenas comportamental –, e por isso argumentamos sobre a necessidade em clarificarmos e diferenciarmos sua definição do conceito de violência. Para Garcia (2001, p. 376), “devemos conceber a indisciplina como fenômeno de aprendizagem, superando sua conotação de anomalia, ou de problema comportamental a ser neutralizado através de mecanismos de controle”. A violência, para Guimarães (1996, p. 73), “seria caracterizada por qualquer ato [...] que, no sentido jurídico, provocaria, pelo uso da força, um constrangimento físico ou moral”. Analisando os estudos apresentados nesse artigo (ALVES, 2002; OLIVEIRA, 2004; BRITO, 2007), concluímos que os docentes envolvidos nos estudos entendem a indisciplina escolar como um problema de comportamento e, como tal, buscam, através de mecanismos de controle, dominar a situação e resolver o problema da indisciplina de maneira imediata. Também percebemos que eles compreendem alguns atos de vandalismo e agressão física como situações de indisciplina. Pensamos que os professores devem distinguir um conceito do outro, para assim saber atuar de maneira diferenciada e adequada perante situações de indisciplina escolar.

Palavras-chave: Indisciplina; Violência; Escola.

Introdução

O objetivo desse artigo é apresentar, através de um estudo teórico, como os professores compreendem a indisciplina escolar e também averiguar se alguns incidentes

citados são de indisciplina escolar ou atos de violência. Para desenvolver tal assunto, recorreremos a alguns estudos que investigaram o que é indisciplina escolar. Tais pesquisas demonstram uma confusão de conceitos, por parte dos pesquisados, que podem interferir diretamente na forma de atuação dos professores com relação aos problemas da indisciplina e de violência encontrados nas escolas.

Falar da indisciplina e da violência na escola é falar sobre assuntos presentes cotidianamente nos colégios. Tais situações são relatadas, frequentemente, nas conversas dos educadores nas salas dos professores, em reuniões pedagógicas, hora-atividade, conselho de classe, etc. Também podemos observar, cada vez mais, tal assunto sendo relatado em reportagens divulgadas pelos meios de comunicação, sendo, então, amplamente discutida pela mídia. Tal discussão, muitas vezes, não esclarece os conceitos e acabam generalizando a definição dos dois temas. Para muitas pessoas – em função dessa generalização de conceitos –, indisciplina escolar e violência acabam tendo a mesma definição e acabam sendo resolvidas de maneira similar.

Mas afinal, o que é indisciplina escolar e o que é violência? Para respondermos essas questões apresentaremos, na sequência, algumas conceituações de indisciplina e de violência. No tópico seguinte, apresentaremos alguns estudos que buscaram compreender o que é indisciplina (ou violência) na escola. Em seguida concluiremos o artigo analisando como os docentes, das pesquisas apresentadas, compreendem indisciplina escolar.

Indisciplina e Violência Escolar

Nesse tópico iremos esclarecer algumas questões conceituais a respeito da indisciplina escolar e da violência. Tarefa árdua e complexa. Esse aspecto foi constatado ao iniciarmos nossa pesquisa investigando o termo indisciplina. A definição desse tema no contexto escolar pode variar de acordo com a situação, com o tipo de aula a ser ministrada e até mesmo com o perfil do professor (LOPES, 2005, p. 46).

Na literatura pesquisada, constatamos que a indisciplina escolar não é um assunto recente e sempre rondou o ambiente educacional (AQUINO, 1996, p. 40; GARCIA, 2001, p. 376; ESTRELA, 2002, p. 13; GOTZENS, 2003, p. 13). Aquino (1996, p. 43) mostra que as relações escolares da “educação de antigamente” eram permeadas por medo, coação e até mesmo submissão dos alunos — o que demonstra que essas relações eram determinadas em termos de obediência e subordinação, uma pseudo-disciplina. Nesta

“educação de antigamente”, as situações de disciplina eram descritas rigorosamente e, para os atos de indisciplina, as correções eram estimuladas e apoiadas.

A indisciplina sempre existiu, mas a opressão que o professor exercia sobre os alunos – na “educação de antigamente” –, era maior que a existente na atualidade, e o aluno que estava sendo formado era diferente do atual. Para aquele momento, o educando submisso e passivo era almejado. Continuamos a guardar uma herança pedagógica que é alheia aos nossos dias? Os tempos mudaram, a sociedade mudou, os professores e os alunos mudaram, espera-se que os discentes, na atualidade, sejam participativos e atuantes e não apenas assimiladores dos conteúdos impostos pelo professor. Os parâmetros que orientam a escolarização são regidos por aluno ideal ou real? A escola está organizada para um tipo de aluno e está sendo ocupada por outro?

Para Garcia (2001, p. 376), “devemos conceber a indisciplina como fenômeno de aprendizagem, superando sua conotação de anomalia, ou de problema comportamental a ser neutralizado através de mecanismos de controle”, sobrepujando a idéia de que a indisciplina é uma questão relativa somente ao comportamento. Dessa maneira, o aluno indisciplinado não seria apenas aquele cujas ações rompem com as regras da instituição, mas também aquele que prejudica o seu próprio desenvolvimento cognitivo, moral e atitudinal.

Analisar a indisciplina sob a ótica de um fenômeno de aprendizagem é de fato um avanço na leitura, sinalizando uma nova perspectiva a ser considerada, superando o viés comportamental, apontando uma forma de compreender o aluno também como um ser complexo, além de oportunizar um questionamento sobre a prática docente com relação as regras e o desenvolvimento dos alunos.

A violência, para Guimarães (1996, p. 73), “seria caracterizada por qualquer ato [...] que, no sentido jurídico, provocaria, pelo uso da força, um constrangimento físico ou moral”. Dessa maneira muitos comportamentos apresentados pelos alunos durante as aulas – agressões físicas e verbais, vandalismo, entre outros –, não seriam indisciplina escolar, mas violência devendo, portanto, ser abordados com formas diferentes. Estrela (2002, p. 133) afirma que diversas pesquisas sobre indisciplina escolar demonstram que esta, quando ocorre, visa a “assegurar as condições de funcionamento do ensino-aprendizagem e garantir a socialização dos alunos, mas raras vezes infringe as normas legais que asseguram a ordem na sociedade civil”, ao contrário da violência onde ocorrem, por exemplo, agressões físicas e depredações da escola.

Essa *confusão* com respeito ao entendimento do que é violência e indisciplina escolar também foi constatada por Brito (2007, p. 12), que afirma que ao longo dos anos, “conversando com professores [...] e observando algumas de suas aulas”, notou que havia uma diversidade de entendimentos conceituais a respeito da indisciplina, fato que interferia e direcionava suas práticas pedagógicas, seus conteúdos, suas metodologias e, até mesmo, seus processos de avaliação. Para aqueles docentes, segundo o que Brito podem perceber os conceitos de indisciplina escolar, violência e vandalismo tinham o mesmo significado e, quando tais incidentes ocorriam, eram tratados, todos, como se fossem indisciplina escolar, demonstrando como os conceitos de indisciplina e violência, são tratados como se fossem um mesmo fenômeno.

Pensamos que o conceito de indisciplina escolar seja muito mais complexo que aquele compreendido no senso comum – apenas comportamental –, e por isso argumentamos sobre a necessidade em clarificarmos e diferenciarmos sua definição do conceito de violência. De acordo com Parrat-Dayan (2008, p. 24) “além de superar a idéia de indisciplina exclusivamente como problema de conduta, é importante diferenciar os atos de indisciplina e os atos de violência”.

É preciso distinguir a indisciplina escolar de outras formas de violência que por vezes afectam a vida das escolas, provocadas muitas vezes por indivíduos que lhes são alheios. Se a indisciplina escolar pode tocar as fronteiras da delinqüência, ela raras vezes é delinqüência, pois não viola a ordem legal da sociedade, mas apenas a ordem estabelecida na escola em função das necessidades de uma aprendizagem organizada coletivamente. (ESTRELA, 2002, p. 14).

A autora nos alerta sobre a importância em diferenciarmos a indisciplina e a violência, e focalizarmos a indisciplina no âmbito escolar, no processo ensino-aprendizagem, na normalização de regras de boa convivência para o desempenho das atividades.

A contrariedade as normas é algo que se intensifica no cotidiano escolar, pela reincidência de transgressões. Muitas vezes o mesmo aluno é punido várias vezes, pelo mesmo “ato” e nenhum profissional da educação se questionam o motivo de isso ocorrer. A violência além dos danos da integridade do plano físico também acarreta conseqüências para o estado psíquico e moral do indivíduo. A ausência da compreensão da indisciplina e da violência pode contribuir para que sejam tomadas medidas punitivas equivalentes, para situações bem diferenciadas. As agressões em sala de aula, e as dificuldades de

socialização ocasionadas pela indisciplina desestabilizam a relação pedagógica, propiciando conflitos que podem engendrar reações e atitudes incongruentes, se a compreensão da violência e da indisciplina for rasa.

Na escola e principalmente na sala de aula, muitos acordos pedagógicos são realizados a fim de propiciar um clima harmônico de convivência entre os sujeitos escolares. Esses acordos podem estar expressos no papel ou simplesmente “subentendidos”, o que ocasiona uma incongruência de formulação escrita, mas principalmente um descompasso na ação. Lembrando também que a relação entre os sujeitos escolares é dinâmica e podem ocorrer aceitação, resistência ou rupturas.

As relações entre os atores escolares, que se apresentam por vezes inconsistentes, culminarão em conflitos. O aluno que agride o seu colega no momento do recreio, por exemplo, age de forma incompatível com as expectativas dos docentes, rompendo com um modo de proceder em âmbito social, conduta inaceitável rompendo com as regras de convívio social, já o aluno que se demonstra indisciplinado em sala de aula não realizando as atividades solicitadas pelo professor, está quebrando uma regra consentida ou não, que se circunscreve no âmbito pedagógico.

Parrat-Dayán (2008, p. 8) nos alerta que “em muitas situações, as regras precisam de redefinições para renegociar os limites do exigível, tanto em matéria de trabalho quanto de disciplina, o que é uma novidade no ambiente escolar”.

A escola como um espaço de interação e de comunicação com a sociedade, congrega vários indivíduos com expectativas e objetivos numa relação muitas vezes conflitiva, sendo esta uma instituição detentora de uma cultura, está irá interpretar tanto a indisciplina como a violência com sob diferentes óticas, ou seja, a escola denomina a indisciplina e violência na escola segundo critérios de seu ponto de vista cultural, sendo um lócus de produção e reprodução de violências.

Para Gómez (2001 p. 12) “é extremamente útil entender a escola como um cruzamento de culturas que provocam tensões, aberturas, restrições e contrastes na construção de significados.”

A instituição escolar atribui aos comportamentos de seus membros valores e significados que atravessam os valores éticos, que os sujeitos concebem dos fatos. É um processo de construção social de valores. Como muito bem nos lembra Vasconcellos (2006, p. 74), “quando o professor entra em sala de aula, não está entrando sozinho; com

ele entram seus colegas, os funcionários, as regras, as vivências, enfim, a instituição que naquele momento é por ele representada, bem como a matéria que leciona”.

Em nosso próximo tópico, apresentaremos algumas pesquisas que investigaram o conceito de indisciplina junto a alguns professores. Amparados nesses trabalhos realizaremos nossas argumentações finais.

Olhando algumas pesquisas

Definir indisciplina dentro do contexto escolar é uma tarefa difícil. Esse aspecto foi constatado ao pesquisar o assunto na literatura específica, na qual se encontram diversos conceitos relacionados à indisciplina — questão também observada por Oliveira (2004, p. 11), Alves (2002, p. 15) e Rego (1996, p. 83). A variedade de opiniões é aceitável se a indisciplina escolar for considerada enquanto um fenômeno complexo, dotado de grande magnitude, como é apontado por De La Taille (1996, p. 10) e Garcia (1999, p. 102).

Oliveira (2004, p. 9) realizou uma pesquisa com o objetivo de investigar as atitudes dos professores relacionadas à indisciplina escolar. Essa autora desenvolveu um estudo junto a duas professoras das séries finais do Ensino Fundamental (uma lecionava Biologia e a outra, Língua Portuguesa), buscando compreender justamente a complexidade do fenômeno da indisciplina escolar. Segundo Oliveira (2004),

[...] foi possível constatar que o modo como as professoras agem diante das expressões de indisciplina dos alunos (componente comportamental das atitudes), refletem o conhecimento, as crenças e as opiniões (componente cognitivo das atitudes), das professoras, bem como sentimentos das mesmas relacionados à indisciplina escolar (componente afetivo das atitudes). (OLIVEIRA, 2004, p. 171).

Um aspecto importante, constatado na pesquisa dessa autora foi o componente cognitivo das atitudes das professoras — o que elas pensam e acreditam, portanto —, o qual indica que a indisciplina escolar é vista apenas sob a dimensão comportamental. Isso levou a autora a concluir que o componente cognitivo das pesquisadas desconsidera a concepção de indisciplina enquanto fenômeno de aprendizagem (OLIVEIRA, 2004, p. 171), reduzindo-a ao âmbito do comportamento. Sendo, assim, algumas situações, identificadas pela autora, não foram consideradas indisciplina pelas pesquisadas, ou seja,

as professoras consideravam indisciplina escolar apenas os comportamentos dos alunos que, de alguma forma, atrapalhavam o desenvolvimento da aula e, por outro lado, desconsideravam as ações que não desenvolviam potencialidades “cognitivas, atitudinais e morais” (GARCIA, 2001, p. 172).

Outra pesquisa, desenvolvida por Alves (2002), com professores e alunos de uma turma de 5.^a série do Ensino Fundamental, de uma escola pública de Piracicaba (São Paulo) — cujo objetivo era “investigar se o conteúdo das aulas dos professores, a metodologia por eles utilizada para trabalhar tais conteúdos e os tipos de relações interpessoais presentes em uma sala de aula influenciavam os comportamentos indisciplinados” (ALVES, 2002, p. 22) —, sugere que a abordagem metodológica dos conteúdos trabalhados de maneira negligente, por não guardarem relação com o cotidiano dos alunos nas diversas matérias do currículo, podem provocar a falta de interesse, um dos principais fatores que levam à indisciplina. Também a falta de adequação da metodologia a esses conteúdos pode gerar, segundo a pesquisadora, comportamentos indisciplinados.

Alves (2002) defendeu a idéia de que a indisciplina é um fenômeno complexo, sendo constituído por diversos fatores sociais, educacionais e familiares. Também observou que os professores geralmente alegam que a indisciplina em suas aulas é fruto de problemas externos, provenientes da família, de influências da televisão, da sociedade e da mídia como um todo. Dessa forma, os docentes se excluem de qualquer responsabilidade, evadindo-se do problema e transferindo a solução para outros órgãos.

Dos sete professores estudados, apenas uma, a professora de Ciências, preocupava-se em contextualizar o conteúdo, aproximando o assunto do cotidiano dos alunos, enquanto os demais estavam apenas preocupados em transmitir o conteúdo previsto nos planejamentos, estavam indiferentes à sua contextualização. Mas todos esperavam que os alunos fossem submissos, forçando essa situação e causando neles, por conseqüência, a revolta. Os professores desse estudo buscavam por meio de suas metodologias *enformar* os alunos, tentavam normalizar suas estratégias, buscando *docilizá-los*. Além disso, no momento em que os educandos manifestavam comportamentos contrários ao esperado, recebiam o rótulo de indisciplinados.

Alves (2002) concluiu que a indisciplina dos alunos, em sala de aula, está ligada diretamente a uma sucessão de fatos associados à ineficiência da prática pedagógica. São elementos geradores da indisciplina: propostas curriculares problemáticas e metodologias que subestimam a capacidade dos alunos — seja por apresentarem assuntos muito fáceis,

seja por serem de pouco interesse —, cobrança em demasia da postura sentada, inadequação do tempo para a realização de atividades, organização rigorosa do espaço em sala de aula, centralização em excesso na figura do professor, pouco incentivo à autonomia e às interações entre os alunos e uso freqüente de sanções e ameaças visando ao silêncio da classe.

Brito (2007), entrevistou 12 professores de Educação Física para averiguar a concepção de indisciplina junto a essa matéria. Esse autor encontrou manifestações de violência sendo citadas como exemplos de indisciplina escolar, demonstrando como esses assuntos muitas vezes são tratados como sinônimos:

[...] para três professoras entrevistadas a *agressão física* — brigar, chutar, etc. — , considerada uma manifestação de violência, é um tipo de indisciplina escolar. Tal constatação demonstra como a indisciplina e a violência — apesar de terem conceitos distintos que deveriam ser tratados também de maneira distinta — estão presentes no meio escolar e muitas vezes são abordadas até mesmo como sinônimas. (BRITO, 2007, p. 108).

Essa confusão talvez se dê pelo fato de os meios de comunicação associarem a violência nas escolas à indisciplina escolar (ESTRELA, 2002, p. 132), criando, para o senso comum, uma igualdade de conceitos que também é absorvida pelos docentes de Educação Física.

Para os professores investigados por Brito (2007, p.116), a indisciplina nessa matéria está relacionada com as atitudes dos alunos, que podem ser manifestadas por meio da displicência e da recusa (resistência) à atividade proposta, bem como da afronta ao professor. Em outras palavras, a indisciplina é representada por atitudes dos alunos que não estejam de acordo com o proposto inicialmente pelo professor ou pelo grupo.

Vasconcellos (2006, p. 51) nos diz que:

Desejamos muito, na escola e na sala de aula, a disciplina, a aceitação da proposta de trabalho; todavia esquecemos que a resistência, a não concordância, ou pelo menos sua possibilidade, é um fator fundamental para a sociedade não parar, não se acomodar, não se submeter a eventuais tiranos. (VASCONCELLOS, 2006, p. 51).

Nas três pesquisas apresentadas (ALVES, 2002; OLIVEIRA, 2004, BRITO, 2007), os autores sugerem que os professores investigados entendem a indisciplina escolar como um problema de comportamento e, como tal, buscam, através de mecanismos de

controle, dominar a situação e resolver o problema da indisciplina de maneira imediata. Ao compreenderem esse fenômeno apenas pela via comportamental, os professores demonstram não entender sua complexidade e atuam no imediatismo, desejando soluções rápidas e entendendo que a indisciplina seja trazida somente pelos alunos.

Agir de maneira imediatista ou ficar apenas tecendo reclamações não irá nos aproximar da compreensão. Como nos diz Vasconcellos (2006, p. 111) “o problema da indisciplina não é fruta que amadurece, que se resolve “com o passar do tempo”, com o “tempo” irá adquirir proporções superiores, é preciso fazer um bom uso do tempo, marcado pela intervenção, interação.

Alves (2002), Oliveira (2004) e Brito (2007) também sugerem que a indisciplina ocorria pela forma como os professores estudados abordavam os conteúdos a serem ministrados. Com base no estudo desses autores, entendemos que os alunos rotulados como indisciplinados são os que demonstram uma insatisfação com as metodologias desenvolvidas, pois elas se afastam de seus cotidianos. Assim, eles manifestavam sua insatisfação resistindo à normalização, ao controle e à docilização que os professores esperavam, bem como transgrediam as normas disciplinares que os docentes almejavam.

Tem-se, diante deste tópico, uma visão do que vem a ser indisciplina escolar e do que alguns professores compreendem por indisciplina escolar. Na sequência desse artigo apresentaremos nossas conclusões a respeito do que foi apontado nesse tópico.

Conclusão

Analisando os estudos relatados, percebe-se que os docentes envolvidos nas pesquisas, compreendiam alguns atos de vandalismo e agressão física como situações de indisciplina. Esses atos, atualmente, são caracterizados como *violência* e não como indisciplina escolar. Os professores devem distinguir um conceito do outro, para assim saber atuar de maneira diferenciada e adequada perante situações de indisciplina escolar — as quais podem ser reflexo, inclusive, da própria abordagem do conteúdo desenvolvido — e de violência. Esta última tem outro enfoque e envolve outros fatores, inclusive sociais e externos à escola, que devem ser solucionados com apoio de assistentes sociais, psicólogos, entrando algumas vezes na esfera judicial.

Estrela (2002, p. 132) afirma “que os meios de comunicação social tendem a reforçar a associação entre indisciplina, violência e delinquência”, o que é uma

generalização abusiva, pois a indisciplina escolar, na maior parte dos casos, não é violência e muito menos delinquência. Infelizmente a mídia acaba passando uma verdade – que não é a verdade conceitual –, normalizando¹ que violência e indisciplina escolar são sinônimas e muitos docentes acabam acreditando nessa *verdade* e repassando essa inverdade alicerçada em bases frágeis e discutíveis.

O presente artigo não se propôs a averiguar como essa confusão conceitual interfere nas práticas pedagógicas dos professores, mas compreendermos que os professores deveriam ter consciência dos conceitos justamente para não atuarem de maneira equivocada quando tais situações acontecem. Quando um aluno comete uma indisciplina escolar deve ser *punido* da mesma maneira que um aluno que comete uma violência? Os professores não deveriam esquecer que a manifestação de indisciplina também deve ser percebida como um sinal de alerta: o que ocasionou tal situação? Será que não foi a própria metodologia utilizada? Será que a culpa é somente do aluno indisciplinado?

Indisciplina e violência são temas complexos e alvo de debates entre educadores nos vários níveis de ensino. A ambivalência da interpretação acaba gerando dúvidas e muitas vezes essas se sobrepõem realçando a impressão de “sinônimos”, ou similitudes, que acaba sendo demonstrado nos discursos dos professores em concebê-los como conceitos entrelaçados.

A inquietude que pode surgir em banir da escola a indisciplina e a violência – como se isso fosse possível –, pode nos causar frustração. Esses dois temas, sempre existiram e, pensamos, sempre existirão no âmbito escolar. Cabe a escola e, especificamente, aos docentes compreenderem tal diferença para saber lidar com as situações que venham a ocorrer.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. M. S. D. (In) **disciplina na escola**: cenas da complexidade de um cotidiano escolar. 2002. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2002.

¹ Foucault (1986, p. 189) utiliza o termo normalização não como algo oficial ou legal, mas como algo que é utilizado e aceito para a manutenção do poder, a manutenção de uma *verdade*.

BRITO, C. S. **A indisciplina na educação física escolar**. 2007. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Programa de Pós-Graduação, Curitiba, 2007.

DE LA TAILLE, Y. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 11. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 9-23.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 4. ed. Porto: Porto, 2002.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

GARCIA, J. **A gestão da indisciplina na escola**. In: COLÓQUIO DA SECÇÃO PORTUGUESA DA AFIRSE/AIPELF. 11, Lisboa. **Atas**. Lisboa: Estrela e Ferreira. 2001. p. 375-381.

GARCIA, J. Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999.

GÓMEZ, A. I. P. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GÓMEZ A. I. P. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: SACRISTÁN, J. G. e GÓMEZ A. I. P. (Org.). **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 13-26.

GOTZENS, C. **A disciplina escolar: prevenção e intervenção nos problemas de comportamento**. 2. ed. Porto alegre: Artmed, 2003.

GUIMARÃES, A. M. Indisciplina e violência: a ambigüidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 11. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 73-82.

LOPES, A. Disciplina: é mais fácil para os alunos seguir regras que eles ajudam a criar. **Nova Escola**, São Paulo, n. 183, p.45-49, jun./jul. 2005.

OLIVEIRA, R. L. G. **As atitudes dos professores relacionadas à indisciplina escolar**. 2004. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tuiuti do Paraná, Programa de Pós-Graduação, Curitiba, 2004.

PARRAT-DAYAN, S. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygostiana. In AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 11. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 83-101.

VASCONCELLOS, C. dos S. **(In)Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 16. ed. São Paulo: Libertad, 2006.